

SESSÕES DO PLENÁRIO

19ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 23 de maio de 2024.

PRESIDENTE: DEPUTADA LUDMILLA FISCINA (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Bom dia a todos e a todas, declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadã Baiana à presidente do conselho do Grupo Magazine Luiza e do Grupo Mulheres do Brasil, Luiza Helena Trajano, nos termos da Resolução nº 2.129/2024, a partir de projeto da minha autoria.

Convido, para compor a Mesa, a Sr.^a Aldenira Sena, secretária de Políticas para as Mulheres em exercício, que neste ato representa o governador do estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues; a Sr.^a Soane Galvão, deputada estadual e presidente da Comissão dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA); a Sr.^a Fabíola Mansur, deputada estadual, representando a Procuradoria Especial da Mulher da ALBA; e a Sr.^a Olívia Santana, deputada estadual. Vamos, mulheres! (Palmas)

Convido também o Sr. Joaquim Neto, prefeito do município de Alagoinhas; a Sr.^a Isabel Guimarães, líder do Grupo Mulheres do Brasil, núcleo Salvador; a Sr.^a Mônica Aragão, defensora pública, que neste ato representa a defensora pública-geral da Bahia, Firmiane Venâncio; e a Sr.^a Renata Lomanto Carneiro Müller, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (Fieb). (Palmas)

Solicito ao Cerimonial e às deputadas Fabíola, Soane e Olívia que conduzam a este recinto a nossa homenageada, Luiza Helena Trajano.

(A homenageada é conduzida ao Plenário.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Obrigada por esse canto, essa dança, essa energia! Que Deus abençoe vocês.

Nós fizemos questão de colocar assim: “Mulheres, nós temos que estar onde nós queremos, onde nós desejamos”. Isso tudo é para nossa querida, essa grande líder Luiza Trajano. (Palmas)

Neste momento, acompanharemos a execução do Hino Nacional com essa banda.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Neste momento, depois dessa energia, assistiremos ao vídeo institucional do Grupo Mulheres do Brasil.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Solicito à deputada Soane que assuma a presidência para que eu possa fazer o meu pronunciamento.

(A deputada Soane Galvão assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a LUDMILLA FISCINA: Bom dia a todos e a todas. Bom dia, gente! Bom dia!

Participantes da sessão: Bom dia!

A Sr.^a LUDMILLA FISCINA: Que Deus abençoe vocês. Eu estou muito feliz e muito emocionada. Quero agradecer a cada um de vocês que está aqui junto conosco neste momento de celebração, neste momento importante. Agradecer à nossa querida cidadã baiana, logo, logo (risos), nossa querida Luiza Helena Trajano. (Palmas) Muito obrigada.

Neste instante, eu vou falar pontos importantes. Eu disse assim: “Hoje o meu discurso vai ser informal, vai ser algo para contagiar aquilo que, a cada dia, vai me contagiando”. São pontos importantes que, às vezes, a gente acaba tendo a curiosidade e a gente vai pesquisando e dizendo: “Que mulher sensacional!”

Coloquei alguns pontos importantes – professora, como todos sabem – para que possamos, juntos e juntas, refletir. Eu pensei logo no início: “Para quem eu vou conceder esse título de cidadã?” E aí eu disse: “Por que não junto com a minha equipe?”, à qual eu quero aqui agradecer. Como diz Luiza, são as minhas estrelinhas, estão junto comigo, na minha sala, no meu gabinete, no meu dia a dia... (Palmas)

(A oradora se emociona.)

Emociono-me porque nós, mulheres, não fazemos nada sozinhas. (Palmas). Nós precisamos de vocês. Quero agradecer à minha família em nome do meu esposo, Joaquim Neto, do meu irmão, Fabrizzio, agradecer aos amigos e às amigas, agradecer a cada um de vocês que estão aqui, agradecer àquelas pessoas que, diretamente ou indiretamente, torcem para esse nosso desenvolvimento.

Eu comecei a pesquisar e a falar: “Uma mulher de currículo invejável”. Eu não vou falar do currículo porque todo mundo já o conhece, mas eu vou falar das ações, eu vou falar de pontos em que nós, homens e mulheres, devemos, a cada dia, nos espelhar.

É uma das cem mulheres mais influentes do mundo, líder do Grupo Mulheres do Brasil! (Palmas) Nós, mulheres do Brasil! (Palmas) É um grupo que começou com 50 mulheres, mas hoje são mais de 4 mil. E, a cada dia, nós vamos conseguir aumentar mais e mais.

Mudando aqui, nós, mulherada, nossa mulherada conseguiu fazer esse desafio de uma maneira diferente.

Na pandemia, nós passamos por momentos difíceis, mas estava lá Luiza com a sua equipe fazendo um papel importante, um movimento que, pela sensibilidade dela, ajuda, só aqui, mais de 300 municípios baianos.

Com tanta experiência, algumas dicas, alguns pontos, eu trago para vocês: reclamem menos, como diz Luiza, ajam mais! Prefiro pensar em soluções em vez de reclamar. Isso me chama muita atenção. Por que não? Vamos fazer o diferencial, seja uma formiguinha ou seja um elefante, mas nós fazemos, sim, a diferença na vida das pessoas.

Outro ponto enriquecedor que ela diz: “As críticas, elas são valiosas. Engana-se quem pensa que elogios são as melhores coisas que vocês podem ouvir”. As críticas, por mais duras que possam parecer, serão as responsáveis pelo seu, Luiza, pelo nosso crescimento, pelo nosso desenvolvimento. Precisamos, sim, gente, ter um feedback negativo, porque, por meio do feedback negativo, conseguimos crescer, amadurecer, transformar.

Outro ponto que eu disse, conversando com Joaquim: “Joaquim, ela gosta de estar à frente da ouvidoria, do SAC, para que possa escutar o que é que os clientes, o que é que as pessoas querem, o que é que ela pode mudar, o que é que ela pode fazer de diferente”. Segue a dica: ouvir, aprender, corrigir. Simples assim, como diz Luiza Trajano.

Um time de sucesso, como eu disse no início, ele não tem apenas uma estrela, mas, sim, várias estrelas: Luiza fazendo o papel, todas as assessoras que estão juntas com ela, a família, nós, as mulheres do Brasil, as deputadas, as vereadoras, os homens, cada um fazendo seu diferencial. Isso é um ponto importante para nós porque cada um tem algo a acrescentar, a transformar.

Ser bom não é o suficiente – plagiando Luiza –, é preciso ter outras pessoas tão boas quanto para que a gente possa evoluir e prosperar, seja o pessoal aqui do marketing, sejam nossas queridas deputadas, sejam os prefeitos, vereadoras, defensores, todos nós somos importantes. Sejam os padres, pastoras, todos nós somos importantes porque cada um tem o seu propósito.

Não sabemos de tudo, mas precisamos estar cercados de pessoas que queiram transformar, que queiram fazer o bem, e é por isso que, a cada dia, acabamos nos espelhando em pessoas como Luiza Trajano.

As dificuldades, gente, vão aparecer, nós sabemos disso. Os desafios, eles vão aparecer, mas o que define o nosso sucesso, o sucesso do nosso negócio, é como nós encaramos os momentos, é como nós, mulheres, encaramos.

Eu posso dar um exemplo, Luiza. Quando eu estava prestes a iniciar a minha campanha, eu ainda estava gestante. Hoje, eu tenho uma filha (Valentina, de 2 anos e 6 meses), mas eu estava o quê? Primeiro, fé em Deus, garra, determinação para lutar pelo povo da nossa Bahia, para fazer a diferença, gente.

É disso que nós precisamos, ter pessoas determinadas, pessoas que possam transformar e fazer, sim, o diferencial, principalmente nós, mulheres. E, hoje, eu trago Luiza Trajano com a sensibilidade, com um olhar diferente para que a gente possa ajudar mais e mais mulheres. E assim eu digo: não se desespere quando o desafio surgir, reúna suas forças, pense e aja da melhor forma possível, com estratégia para superar as nossas, as suas adversidades.

Então, gente, façam o bem, desenvolvam o bem, desenvolvam ações. Vamos fazer a nossa parte porque eu tenho certeza de que será transformação o tempo todo, e aqui eu digo: hoje estou feliz, estou emocionada, mas, ao mesmo tempo, eu estou realizada.

Luiza, sinta-se acolhida, sinta-se abraçada, porque, realmente, a senhora é um desafio, é uma liderança para nós, mulheres, homens. Todos nós, hoje, aqui, temos certeza de que temos algo a acrescentar.

Muito obrigada, obrigada a cada um de vocês. E esta manhã será cada vez mais bonita com vocês, aqui, junto conosco. Obrigada, nossas deputadas, minhas queridas amigas. Nós sabemos que é luta, mas a luta é diária! E nós estamos prontas, firmes, para que a gente possa chamar mais mulheres, (palmas) mulheres no espaço de poder, sejam vereadoras, sejam prefeitas, sejam deputadas. Façam a diferença, porque nós precisamos ter mulheres que queiram ajudar e fazer o bem, como a nossa querida Luiza Trajano!

Que Deus abençoe a vocês! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Eu não poderia deixar de dar espaço às nossas colegas deputadas para que possam também desabafar, falar, porque é um momento, gente, de muita adrenalina, de muita felicidade

Então, eu convido, agora, a deputada Soane Galvão, para que possa também saudar a nossa querida Luiza Trajano. (Palmas)

A Sr.^a SOANE GALVÃO: Bom dia a todas, todos e todes.

Depois dessa fala vigorosa da nossa colega parlamentar, a deputada estadual Ludmilla, eu fiquei até tímida, mas seguirei na missão.

Quero saudar V. Ex.^a, deputada Ludmilla Fiscina, por essa homenagem a Luiza Helena Trajano. E, saudando você, estendo a saudação a todas as autoridades aqui presentes, a todas as mulheres, a todos os homens que vieram fazer esta homenagem, esta honraria a uma mulher.

Eu estava ali a comentar com a minha nobre colega deputada Olívia que, pela primeira vez, entramos só mulheres nesta Casa para homenagear uma mulher. É muito difícil isso acontecer e, hoje, foi marcante. Nós tivemos vários avanços aqui com esse grupo de dez deputadas nesta Casa.

Temos aqui – e quero saudar a deputada, colega parlamentar – a nossa procuradora da Procuradoria Especial da Mulher da ALBA, a deputada, minha colega Fabíola Mansur. Dizer a vocês que temos outras deputadas que estão nesta Casa que abraçam a causa nossa das mulheres: a deputada Fátima Nunes; a deputada Maria del Carmen, a deputada Neusa Cadore; a deputada Cláudia Oliveira, que está na missão de ser prefeita de Porto Seguro, e a deputada Kátia, vice-presidente da Comissão de Direitos da Mulher. Esse grupo de deputadas busca fazer a diferença nesta Casa.

E, aqui, eu quero aproveitar esta oportunidade para falar e salientar que (lê) “a concessão deste título é uma maneira de a Bahia, formalmente, dizer: ‘Sr.^a Luiza Helena, somos gratos pelo que você representa para todas as baianas e os baianos.’ Sua história, seu legado, suas palavras e seus projetos transformam vidas e promovem o engrandecimento do nosso estado e da nossa nação.

Em um mundo tão carente de exemplos inspiradores, sua trajetória nos ensina que a verdadeira liderança se constrói com força, coragem e visão, aliadas à ternura,

doçura, leveza e competência. Que possamos todos aprender com a sua história e unir forças para construir um futuro mais justo e inclusivo.

Concluo dizendo que a senhora é uma mulher necessária. O mundo precisa de você, de pessoas como você. Honrá-la é um gesto extremamente merecido, pois você nos honra. Você honra todas as mulheres presentes aqui, todas as mulheres do Brasil e do mundo!”

Muito obrigada a todos e, principalmente, à senhora por estar nos honrando, nesta Casa, com sua presença e com o seu trabalho. Obrigada a todos! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Obrigada, deputada Soane.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Agora, eu passo a palavra para a nossa querida deputada Fabíola Mansur.

A Sr.^a Dra. FABÍOLA MANSUR: Bom dia, gente! Eu acho que a Bahia, quando recebe essa mulher potente que é Luiza Helena Trajano, tem que dar um bom-dia baiano. E o bom-dia baiano é forte, mas com muita alegria no coração: Bom dia, Luiza!

Participantes da sessão: Bom dia!

A Sr.^a Dra. FABÍOLA MANSUR: Eu queria parabenizar a deputada Ludmilla Fiscina que, em tão pouco tempo que chegou a esta Casa, vem fazendo a diferença, incorporando-se às principais pautas para o povo da Bahia e, também, e principalmente, para as pautas femininas, Luiza.

Quero dizer que antigamente a gente dizia que Ludmilla era a esposa do prefeito de Alagoinhas, Joaquim Neto. Hoje, com essa atuação dela, a gente diz que o prefeito Joaquim Neto é que é marido da deputada Ludmilla. (Palmas) Dê poder a uma mulher, dê oportunidades a uma mulher e, com certeza, você vai ter resultado.

Então, eu estou muito feliz com a presença dessas dez mulheres aqui, na Casa.

E eu quero saudar a minha presidenta da Comissão de Mulheres, deputada Soane Galvão, do nosso partido, o PSB, também saudando Luciana, secretária das mulheres. Eu quero saudar a deputada Olívia Santana, uma deputada atuante, que já foi secretária de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia. Quero saudar, Aldinha, a nossa atual secretária, que está numa missão na ONU Mulheres, mas aqui muito bem representada por Aldinha Sena. Quero saudar a representação da Defensoria na pessoa da defensora Mônica Aragão, e dizer que a Defensoria é uma parceira da pauta das mulheres. Quero saudar a Renata, vice-presidente da Fieb. Mas eu quero saudar a plateia na pessoa dessa querida companheira Isabel Guimarães. (Palmas)

E, aí, eu saúdo todas as mulheres aqui presentes, não apenas o grupo das mulheres de Salvador, mas o Grupo Mulheres do Brasil, Luiza, lhe saudando, porque você criou uma potente ferramenta. Apesar de lá estar dito que é um grupo apartidário, eu me permito dizer que é um grupo suprapartidário. Mas nós temos uma coisa que nos une que são as pautas femininas, e as pautas femininas, Maria, envolvem várias

pautas, não apenas de enfrentamento à violência, de defendermos a representatividade das mulheres na política e nos espaços de poder, mas a autonomia econômica, a autonomia financeira das mulheres.

Luiza, será concedida a você essa honraria de Cidadã Baiana, da Bahia que é a terra de três grandes heroínas da independência do Brasil, porque o Brasil não ficou independente no dia 7 de setembro, ele ficou independente em 2 de julho de 1823, quase 1 ano depois, tendo à frente três grandes heroínas que são consideradas nesta terra. Nós temos Maria Quitéria, Maria Felipa e temos Joana Angélica também.

Mas eu quero dizer, capitaneando, também brincando com o seu nome, que nós temos uma grande heroína baiana, que não foi da independência, porque a gente precisa defender as mulheres, mas temos que fazer um recorte racial. Nós temos uma outra Luiza, que é uma personalidade baiana, que é Luiza Mahin, que foi uma grande revolucionária (palmas), que defendia a abolição, em 1835, liderando uma revolta, que foi a Revolta dos Malês.

Mas, Luiza, eu quero te saudar dizendo que você representa e inspira mulheres, porque o que nós temos que fazer é sermos inspiradas pelas mulheres, o que nós temos que fazer é estabelecer os consensos, o que nos une, muito mais que o que nos separa. Nós não somos separadas por partidos políticos, nós não podemos ser separadas por nossas identidades de gênero, por nossas orientações sexuais, por nossas religiões, por nossa raça, por nossa etnia. Nós temos que defender todas as mulheres: mulher com deficiência, mulher trans, mulher na política, mulher negra, mulher do campo, mulher rural e, sobretudo, Luiza, nós temos que defender a autonomia econômica das mulheres, porque muitas das mulheres são donas de casa e as pessoas dizem que são mulheres que não trabalham. E eu quero, aqui, dizer, Luiza – e as mulheres do Brasil têm você como sua líder inspiradora –, que nós precisamos mudar esse jargão, as donas de casa não são mulheres que não trabalham, as donas de casa são mulheres que não ganham pelo seu trabalho, porque trabalham três turnos. (Palmas) Então, essas que, praticamente, são quase metade do nosso país estão trabalhando sem ganhar.

Mas eu quero, para finalizar, deputada Ludmilla, dizer que estou muito feliz de estar aqui, presenciando esse momento para darmos, através de seu mandato, o Título de Cidadã Baiana a Luiza Trajano. Luiza, você é uma mulher do Brasil. Você, agora, é uma mulher do Brasil e do exterior, Isabel. Mas assim, esse carinho que a gente está dando é também o reconhecimento pelo seu trabalho que está capilarizado aqui através de Isabel, através de tantas outras mulheres aqui representadas, porque quando a gente vê uma mulher de sucesso, uma mulher empreendedora, uma mulher que chegou e tem tudo, mas que olha para trás, olha para sua história, olha para sua história do crescimento e quer defender igualdade de gênero, igualdade de oportunidade, quer defender mulheres, crianças, sofreu boicote. Eu preciso dizer isso, Luiza.

As lojas Magalu sofreram um boicote daqueles que se dizem patriotas, mas que, na verdade, são fascistas. Eu tenho que dizer, Luiza, os bolsonaristas fizeram um boicote ao Magazine Luiza porque ela apareceu numa foto com o Lula e Janja. Mas Luiza resistiu. Porque nós, mulheres, estamos aqui. Enquanto eles boicotavam, as

mulheres da Bahia te apoiaram com uma Moção de Apoio a você, Luiza (palmas), uma mulher que é independente, mas que faz da história da sua vida uma história que honra a todas as mulheres do Brasil.

Muito obrigada, Luiza, por tudo que você faz. Que Deus te dê vida longa para você continuar defendendo as pautas femininas que são civilizatórias e emancipatórias. A gente te ama, Luiza! A Bahia te recebe, te ama, te recebe, conterrânea, para dobrar o seu trabalho pelas mulheres baianas.

Parabéns à baiana Luiza Helena Trajano! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Agradecer também pela presença ao Sr. Antônio Cotrim, diretor de Tecnologia da Secti; agradecer à Sr.^a Brisa Moura, coordenadora estadual da Casa da Mulher Brasileira; à Sra. Clara Martins, presidente do Instituto Clara Martins, que está aqui conosco; à Sr.^a Lilian Leandro, diretora de expansão do Grupo Mulheres do Brasil, de São Paulo; ao Grupo Casa do Povo, de Valéria; à Sr.^a Vanessa Meire, tesoureira do Coletivo Quintas Femininas, de Valença, muito obrigada; e à Sr.^a Neide Barreto, delegada da Polícia Civil.

E, agora, eu peço que a nossa querida deputada Olívia Santana faça também o seu pronunciamento. (Palmas)

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Eu quero, em primeiro lugar, saudar este Plenário, saudar esta sessão tão carregada de simbolismo, presidenta Ludmilla Fiscina. Quero dizer que nós estamos com um sentimento muito importante, bonito. Eu não poderia estar aqui nesta manhã, V. Ex.^a sabe, porque eu estava a caminho de Jequié. Mas eu fiz questão, mesmo atrasando a viagem, de vir compartilhar com V. Ex.^a uma sessão que é tão importante quanto essa.

É importante, companheiras e companheiros, porque é uma sessão que homenageia uma mulher, uma mulher que tem uma história numa área dura, uma área difícil. Uma coisa é a mulher pequena empresária, a mulher microempresária, outra coisa, deputada Ludmilla, deputada Soane, deputada Fabíola, é a mulher nesse topo da pirâmide do poder econômico em nosso país, no alto empresariado do nosso país. E nós estamos tendo a oportunidade de ter esta mulher aqui, no Plenário da Assembleia Legislativa da Bahia, a empresária Luiza Trajano.

Eu quero dizer que quando eu cheguei eu fui cumprimentada por Adijeane, e eu quero cumprimentá-la neste Plenário, essa mulher negra e cadeirante; como também quero cumprimentar você, Amanda, que também foi tão longe, quando muitos não esperavam, por você ser uma mulher cadeirante. E quando eu cumprimentei a Adijeane, ela falou: “Eu não poderia deixar de vir.” E a gente sabe o sacrifício que foi para ela chegar até aqui, não por ela, mas porque a gente tem uma sociedade que tem um desenho da excludência, que exclui, a excludência é a marca, Kátia, não é isso? Mas a gente luta para inverter essa maré de adversidade.

E as pessoas que me conhecem sabem, eu sou uma mulher negra de esquerda, uma mulher preta, que se assume como tal, e pago meu preço por isso. Não costumo

fazer loas a... Inclusive, sou uma lutadora da luta de classes, da luta feminista e da luta antirracista. Mas eu tenho essa capacidade de reconhecer onde há o mérito, não a meritocracia, tão utilizada para nos negar oportunidades, mas o mérito de quem lutou tanto, de quem escalou um caminho, uma montanha para se colocar nessa posição.

Mas não é só se colocar na posição que Luiza ocupa hoje, é a posição política diante do mundo que ela assume como mulher, ela é uma mulher que sabe que é uma mulher e sabe o que as mulheres vivem! Por isso ela inspira outras mulheres, por isso a sua empresa tem programa de diversidade. E a gente luta muito para que as empresas se abram, façam programas de diversidade de gênero e de diversidade racial.

Nós não queremos apenas que poucas pessoas cheguem ao topo da pirâmide, a gente quer dismantelar essa pirâmide, a gente quer que as mulheres entrem nos espaços mais valorizados de poder, seja poder político, econômico, jurídico. (Palmas) Minha defensora sabe muito bem da nossa trajetória.

Então, prefeito Joaquim, a deputada Fabíola já falou, V. Ex.^a vai voltar para casa matutando que agora V. Ex.^a é o marido de Ludmilla, não esqueça disso nunca mais! Que Ludmilla entrou aqui e gostou. Viu, gente? Porque as mulheres se adaptam rápido ao poder. Esse negócio de dizer: “A mulher não quer, a mulher não gosta de poder, a mulher não quer estar na política.” A gente quer, o que a gente não tem é oportunidade. Não é isso, mulheres? (Palmas)

Então, essas mulheres que estão aqui são mulheres que estão lutando para ampliar as oportunidades, e as oportunidades precisam se abrir, porque não é possível a gente parir o mundo e o mundo nos negar. No movimento feminista a gente sempre diz: “A mulher é a metade da humanidade e é mãe da outra metade.” Nenhum homem nasceu de chocadeira, todos nasceram do ventre de uma mulher. Ser mulher é um desafio, mas pode ser mais fácil se a igualdade e a justiça imperarem em nossas vidas.

Portanto, este momento é um pretexto de encontro. Eu quero finalizar dizendo isso, nós estamos aqui aproveitando este pretexto, essa homenagem justa e que nos convoca a nos reunir para dizer a Luiza: “Não pare, não desista nunca.” Não é preciso dizer isso, porque ela jamais irá desistir. Nunca abra mão de inovar!

Eu tenho dito que inovação não é apenas novas tecnologias, novas máquinas e engrenagens para aumentar o lucro do empresário. Inovação é ter capacidade de bater na mesa e de dizer: “Eu vivo num país racista e esse racismo tem de acabar! E eu, como uma mulher empresária do topo da pirâmide, vou assumir esta pauta em minha empresa.” Luiza fez isso e isso é importante. (Palmas)

O programa de *trainees* para negros foi um programa, foi uma coisa que, eu acho, nem ela imaginava. Foi uma coisa para promover a equidade racial, e de repente houve um rebuliço neste país. Parecia que estava acontecendo uma catástrofe no Brasil. Ela não ter recuado, ela ter mantido o programa, foi muito importante. Ela enfrentou judicialmente e garantiu que o programa de *trainees* para negros continuasse na Magazine Luiza. Eu peço que não acabe com isso, porque a política de transformação tira a gente da zona de conforto.

É fácil pegar uma cesta básica, dar para alguém e fazer uma foto no Natal ou durante as enchentes. Difícil é investir em qualificar pessoas, é abrir vagas para que

peças possam se libertar, Aldinha. Nós não queremos que as pessoas vivam da caridade das outras eternamente! Uma coisa é uma ação emergencial...

Mas como o Brasil é a oitava economia do mundo e tem 30 milhões de brasileiras e de brasileiros passando fome, Luciana? Isso não está certo, Yara; Paulett, nossa assessora trans, mulher e preta. Isso não é justo, isso não é possível! Essa oitava economia do mundo precisa mover a base da pirâmide. Esse dinheiro precisa chegar à base. É preciso que o empresariado do Brasil mude a mentalidade. A classe dominante brasileira precisa mudar a sua mentalidade, Luiza, precisa aprender mais com você. A gente não quer uma classe dominante que continue aferrada a esse ideário de rapina, de rapinagem: eu tenho de ganhar em cima da exploração do outro ao máximo. Não é possível o Brasil ainda ter trabalho escravo. Isso está errado. Isso não pode continuar acontecendo.

Enquanto a gente tiver voz, a gente tiver vez, a gente tiver capacidade de lutar, a gente vai gritar, vai lutar, vai fazer barulho, porque a nossa luta nada mais é do que um grito de igualdade. É só isso que a gente quer. Nosso país é rico, é grandioso, nosso povo é generoso. A gente precisa viver e não ter a vergonha de ser feliz.

Salve Luiza Trajano, salve nossa Ludmilla Fiscina! Viva a igualdade! Viva as mulheres! Viva a força do povo brasileiro e do povo preto brasileiro! (Palmas)

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Depois dessas três deputadas potentes, (risos) também quero agradecer as presenças da Sr.^a Cristiane Silva, pastora da Igreja Pentecostal; do Sr. Moisés Reis, diretor do Instituto Rubens Reis; dos Srs. Adriano Cardoso e Dionísio Cardoso, advogados; da Sr.^a Monalisa Moraes, diretora do Procon de Alagoinhas; da Sr.^a Monique Chaves, vice-gestora de Educação Profissional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac); do Sr. Leonardo Pimenta, agente de Desenvolvimento do Banco do Nordeste; da Sr.^a Kadine Bárbara, coordenadora de Intermediação da Setre; do Sr. Marcelo Ferreira, agente de Desenvolvimento, que neste ato representa o Sr. Pedro Neto, superintendente estadual do Banco do Nordeste.

Gente, eu não poderia deixar de chamar uma pessoa importante. Nós sabemos da importância de a família estar junto conosco. Eu não poderia deixar de convidar para também fazer o seu pronunciamento, o prefeito Joaquim Neto, de Alagoinhas, que representa os prefeitos, mas que, antes de tudo, como a própria Olívia e Fabíola disseram, é hoje o esposo desta deputada. (Risos)

É importante ter os parceiros junto conosco. Quero agradecer também pela parceria, pelo companheirismo, porque isto também nos importa, ter pessoas dentro de casa que nos estimulam a ir além.

Então, agora eu passo a palavra ao prefeito Joaquim Neto, para que ele possa também fazer o seu pronunciamento. (Risos)

O Sr. JOAQUIM BELARMINO CARDOSO NETO: Bom dia, gente.

Participantes da sessão: Bom dia.

O Sr. JOAQUIM BELARMINO CARDOSO NETO: Bom dia, cidadã, agora baiana, Luiza Trajano. Aqui na Bahia, Luiza, a gente tem uma maneira muito... quando a mulher é corajosa, guerreira, como a senhora é, a gente chama de baiana retada. E agora você é uma baiana retada, viu? (Palmas)

Gente, a deputada Ludmilla, que está presidindo a Mesa, me pegou de surpresa. Eu disse: “Eu não vou falar, Ludmilla”. Mas eu quero me apresentar rapidamente, sou prefeito da cidade de Alagoinhas. Quero convidar Luiza Trajano para conhecer a nossa cidade, uma cidade com 151 mil habitantes, de lá saiu a deputada Ludmilla. Alagoinhas é a capital estadual da cerveja, é a primeira estadual da cerveja; tem a segunda melhor água do mundo, a melhor água do Brasil nasceu e nasce lá em nosso território de Alagoinhas. Alagoinhas fica no território do Litoral Norte e Agreste Baiano

Eu quero dizer que há muito tempo quando eu falo: “Hoje eu vou bater um baba, viu, Ludmilla?” a deputada, fala: “Não, senhor, hoje você vai tomar conta de nossa Valentina, porque eu vou trabalhar” (Palmas) A Ludmilla me espelha muito. Eu já estou no quinto mandato de prefeito, mas ela rejuvenesceu a minha maneira de fazer política, a minha maneira de respeitar as mulheres. Todo cidadão, nós homens somos aqueles que estamos... Eu me reconheço como um machista em desconstrução, porque nós somos assim. (Palmas) A nossa mãe e o nosso pai nos ensinaram a ser bravos e tal, mas Ludmilla tem me ensinado isso, que é muito importante.

Parabéns, Ludmilla, por trazer... Eu vim, porque eu disse: “Lude, eu faço questão de ir conhecer Luiza Trajano, porque na vida a gente tem de se inspirar nas pessoas, não só nas que deram certo, mas nas pessoas que deram certo sendo humanas, que deram emprego e renda à nossa população brasileira, que deram vontade ao brasileiro de soerguer, de crescer, das brasileiras crescerem.”

Então, deputada Fabíola Mansur, Dr.^a Deputada Fabíola Mansur, estou muito animado, muito empolgado em ver a desenvoltura, o desenvolvimento, da deputada Ludmilla e da ideia... Eu não sei de onde ela tirou esta ideia, ela disse: “Vou trazer Luiza Trajano para a Bahia.” E eu fiquei: “De onde você tirou essa ideia, Ludmilla?” Ideia maravilhosa. Eu fiz questão de estar aqui.

Reconheço o trabalho pela nossa Bahia de vocês deputadas. Aqui tem gente da região de Ilhéus, da região do cacau, como a deputada Soane; minha querida deputada Olívia, que agora vai para outra região do Sertão baiano, Jequié. A Bahia é assim: é uma Bahia rica, uma Bahia próspera, mas é uma Bahia combativa, guerreira e que tem à frente essas mulheres retadas, com Luiza Trajano agora é.

Forte abraço a todos vocês e muito obrigado. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Quero agradecer à Sr.^a Maria Medeiros, idealizadora do primeiro *I Fórum Integridade Bahia*; à Sr.^a Camila Moreira, assessora de Comunicação da Associação dos Docentes da Uefs; à Sr.^a Iracema Lima, presidente da Associação dos Docentes da Uesb; à Sr.^a Ana

Cláudia Lima, da Igreja Batista Semear; à Sr.^a Eveline Portela, defensora pública, coordenadora dos Juizados Criminais; à Sr.^a Odenilza Gomes, da igreja Assembleia de Deus; e à Sr.^a Jéssica Mascarenhas, secretária do Mais Mulheres no Esporte, da Sudesb.

Agora, gente, eu vou chamar essa querida líder do Grupo Mulheres do Brasil, Isabel Guimarães. (Palmas)

Vocês perceberam? Olhem com que blusa charmosa ela está.

A Sr.^a ISABEL GUIMARÃES: Bom dia a todos e a todas. Para mim é uma grande honra estar aqui. Eu vou quebrar um pouquinho o protocolo e não vou cumprimentar todo mundo, um por um, mas eu cumprimento as deputadas aqui presentes na pessoa da Ludmilla Fiscina. Cumprimento o Grupo Mulheres do Brasil, e essas eu não posso deixar de citar uma por uma: (Lê) “Andréa Matos, minha co-líder aqui em Salvador; Silvana Rabelo, de Ilhéus; Wandressa Souza, de Itabuna; Valéria Maria Santos, de Porto Seguro; Maria Aparecida Mendes, de Sobradinho; e Simone Barreto, de Casa Nova. (Palmas)

Eu quero dizer que, quando uma mulher fala, ela não fala apenas por si mesma. Ela fala pelos ancestrais que lutaram, sofreram e morreram para garantir a nossa fala hoje. Ela fala por milhares de mulheres silenciadas, neste exato momento, pela opressão, pelo machismo e pelas desigualdades sociais. Ela fala pelas meninas que ainda vão nascer e que merecem receber um uma sociedade melhor, mais justa, e mais segura para elas.

Portanto, é uma honra usar a palavra nesta Casa, símbolo da democracia, da vontade popular e, ao mesmo tempo, é uma grande responsabilidade.

Querida Luiza, é uma honra e uma enorme alegria ter você como conterrânea na Bahia, berço do Brasil; em Salvador, primeira capital do país; nesta terra que encanta por sua diversidade, por sua cultura, pela força do setor produtivo no campo e nas cidades, e, principalmente, pelo seu povo criativo, trabalhador e que tem uma alegria que é exportada para o resto do país e para o mundo inteiro. Nós, baianas e baianos, te abraçamos.

Também te agradecemos por tudo que você simboliza e por tudo que você fez e faz pelo nosso país. Eu quero destacar aqui o projeto Unidos pela Vacina.”

Mando o meu abraço a Cristina e a Glória, elas foram as minhas parceiras, porque eu tive a honra de coordenar o projeto Unidos pela Vacina no estado da Bahia, idealizado por você durante a pandemia e alcançou 333 municípios da Bahia e mais de 4 mil municípios no Brasil inteiro, com equipamentos e insumos para acelerar a vacinação contra a Covid-19.

Não sei se você se lembra, Luiza, eu participei das primeiras reuniões, a convite da minha irmã, a reitora da UFSB, Joana Guimarães. Tinha umas 20 pessoas na primeira reunião; na segunda já tinha 200 ou 300 pessoas, e diziam assim: “Não, isso não vai dar certo! Isso não vai dar certo!” E você, eu vou traduzir o que você disse no “baianês”, licença. Já que você é baiana, aprenda. Você disse assim: “Oxe, oxe, oxe! Vai dar certo, sim, ‘véi!’” (Risos) (Palmas) E assim nós conseguimos alcançar os resultados esperados.

(Lê) “(...) Martin Luther King Jr., famoso pelo seu discurso que todo mundo repete, disse assim: ‘*Eu tenho um sonho.*’ Ele disse que tinha um sonho, porque ele era homem. Mas nós, mulheres, temos muitos sonhos. (Palmas) E você, querida Luiza, nos desperta, nos inspira e nos dá esperança de ver sonhos se tornarem realidade, porque você nos apresenta uma quebra de paradigma. Sim, você poderia viver bem, e de forma merecida, pelo que você fez e faz como uma mulher empresária. Em um ramo dominado pelos homens, você fez história e diferença. Seria justo colher os frutos do seu trabalho, mas você foi além.

Com seu olhar sensível, você enxergou as mazelas da sociedade e não ficou teorizando sobre elas. Você foi além e puxou as transformações sociais tão necessárias neste nosso lindo e rico Brasil, um país que de Norte a Sul, de Leste a Oeste possui riquezas; águas doces e salgadas; abundância na fauna, na flora; até petróleo a gente encontrou. Como Pero Vaz de Caminha disse, quando aqui na Bahia chegou: ‘Nesta terra em se plantando tudo dá.’

Porém o mais extraordinário, a maior riqueza deste país, é o seu povo com esse DNA único, mistura de povos originários, de negros e de brancos, o que nos dá uma diversidade de cabelos, de cores, de traços fisionômicos, mas também a nossa resiliência e a nossa espiritualidade.

Esse povo extraordinário merece viver em uma sociedade mais justa e humanizada, em uma sociedade com acesso à alimentação, à saúde, à educação, à moradia, ao emprego e à renda para que todos os brasileiros e todas as brasileiras, sem exceção, possam viver com dignidade. Um país rico não é medido pelo seu PIB, um país rico é aquele que tem um povo feliz vivendo nele. (Palmas)

Para finalizar, querida Luiza, aqui onde nasceu o Brasil, em Salvador, a cidade mais negra fora da África, com esse povo de uma resiliência extraordinária, neste dia histórico para nós, Grupo Mulheres do Brasil, da Bahia, quem sabe você possa inspirar empresários e empresárias, classe política, instituições públicas e privadas, homens, mulheres e demais identidades de gênero aqui presentes, a terem a mesma sensibilidade e, paradoxalmente, possam despertar para sonhar. Sonhar um mundo que deixe para trás o mundo do eu, para adentrar ao mundo do nós e, finalmente, ao mundo de todos nós.

Receba do povo baiano um sorriso negro, um abraço negro, porque negro é a raiz da liberdade.” (Palmas)

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludimilla Fiscina): Quero agradecer a Adijeane e a Amanda, que estão presentes; à Sr.^a Adriana Cardoso, diretora jurídica do Instituto Clara Martins; ao Sr. Clóvis Piáu, coordenador-geral da Seção Sindical dos Docentes da Uneb; à Sr.^a Juliana Andrade, diretora municipal de Desenvolvimento do Turismo de Jequié; ao Sr.^a Alice Porto, conselheira do Conselho Regional de Contabilidade da Bahia; ao Sr. Elson Moura, coordenador-geral da Adufs-Uesb; à Sr.^a Luciana Simões, conselheira do Conselho de Contabilidade da Bahia; e à Sr.^a Uiara Lopes, assessora técnica da Sepromi.

Agora, vamos conceder a palavra a Aldenira Sena, a nossa secretária em exercício de Políticas para as Mulheres. Todos a conhecem como Aldinha. Ela está representando o governador Jerônimo Rodrigues. Esta é uma militante, uma mulher guerreira, que faz um diferencial. (Palmas)

A Sr.^a ALDENIRA SENA: Bom dia a todas as pessoas presentes. Bom dia a esta Mesa maravilhosa.

Olha, gente, a representatividade importa. Eu quero que todas as mulheres olhem para esta Mesa e percebam que nós temos a maioria de mulheres. Outras mulheres já saíram dali. Temos um homem que é um machista em desconstrução. Vocês ouviram isso.

Eu saúdo a Mesa nas pessoas da nossa querida deputada Ludmilla e da nossa mais nova baiana, Dr.^a Luiza Trajano. Em nome do governador Jerônimo e em nome da nossa secretária, recebam o nosso caloroso abraço, de baiana que és. Então, eu quero pedir licença a todas as mulheres da Mesa para cumprimentá-las em nome de Ludmilla e Luiza.

Quero dizer ao nosso querido prefeito que a sua fala estimula muito a nossa luta de mulheres, a nossa luta feminista. Digo isso porque o machismo, ele não causa um dano apenas às mulheres. O machismo, ele condena, inicialmente, o homem, porque não tem coisa pior do que você viver do ódio.

Eu aconselho todas as pessoas a assistirem a um documentário recente e maravilhoso que se chama *O Silêncio dos Homens*, para entendermos quanto sofrimento é causado ao homem através dessa condição que a sociedade patriarcal os colocou. E, na sua fala também, o senhor disse que nós mulheres... Entendam-me, a sua fala é para nos motivar, enquanto mulheres na educação dos nossos filhos.

Eu tenho uma filha de 8 anos. Todos os dias, é necessário dizer para ela que o machismo não pode conduzi-la para a sociedade. Baiana Luiza Trajano, eu digo à minha filha... Durante a pandemia, ela tinha apenas 5 anos de idade. E um dia, ela soube que a Magalu estava lutando por vidas, estava lutando pela vacina. Ela chegou da escola e me disse: “Mamãe, você está sabendo que a Magalu está defendendo a vacina?” Aí, eu respondi-lhe: “Estou sabendo, minha filha.” Ela retrucou: “Então, a gente só vai comprar na Magalu, viu, mamãe?” (Palmas) É uma Valentina também. Hoje, ela tem 8 anos. Assim, é importante esse diálogo.

Este é um momento festivo. E o seu título não é por acaso. Ele é um título, porque a senhora é uma mulher visionária, uma mulher que pensa em outras mulheres e que pensa em uma sociedade justa. A equidade de gênero, o respeito para com as mulheres faz bem a todas as pessoas. Esta chaga do machismo e da misoginia nos causa muita dor.

Nesse sentido, a nossa querida secretária e a ministra estão, agora, através de uma delegação baiana, na ONU, a fim de discutir, no comitê, o fim das discriminações contra as mulheres. Ela nos delegou a tarefa de estarmos aqui. Estamos na secretaria. Brisa Moura, nossa coordenadora estadual da Casa da Mulher Brasileira, está aqui. Temos aqui a nossa companheira Adriana. Estamos juntas e estaremos juntas o dia inteiro.

Eu queria dizer o seguinte, gente: existem muitas mulheres fazendo a diferença. Costumo dizer que nós somos formiguinhas. É muito lindo perceber que há 125 mulheres junto a esta grande mulher, fazendo um grande traçado para a nossa vida futura. Trata-se do Grupo Mulheres do Brasil. Para esse grupo, eu peço uma salva de palmas calorosas. (Palmas) É muito lindo o trabalho que vocês fazem, e nos honra muito. (Palmas)

Eu estava, ali, dizendo a Isabel: “Eu quero saber como vou fazer para me filiar ao Grupo Mulheres do Brasil.” Digo isso porque eu estou encantada com o trabalho de vocês. Quero dizer que não conhecia. É importante que a gente dê visibilidade a isso.

E eu trago, também, as falas de duas mulheres importantes que trazem a essência do que é esta nova baiana Luiza Trajano.

Uma delas é a nossa queridíssima escritora Conceição Evaristo, uma mulher negra que começou escrever aos 70 anos. Ela fala o seguinte: “É a nossa ‘escrivência’, é a história das nossas vidas, é a história das nossas ancestrais que faz a gente chegar aqui para trazer a experiência para novas mulheres.”

E eu trago também a experiência da escritora americana Bell Hooks, que fala, deputada Ludmilla, que nós não vamos transformar nada se não for através do amor. Mas ela faz uma diferenciação. Digo isso porque a gente pensa no amor de uma forma romântica. E o amor não é isso. O amor é ação. O amor é o que eu faço todos os dias para mudar a vida das pessoas.

Eu acredito que quando ela escreve isso, ela está traçando a vida de Luiza Trajano, que é uma mulher que transformou a sua capacidade empreendedora e a sua capacidade transformadora em amor para com outras pessoas e para com outras mulheres.

E nós, baianas, agradecemos, de coração, este seu papel transformador e este seu papel multiplicador de mulheres felizes.

Muitíssimo obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Eu tenho de dar um abraço, né, gente? (Risos)

(A deputada Ludmilla Fiscina e Sr.^a Aldenira Sena se abraçam.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Agradeço as presenças do nosso colega deputado Marcelino Galo e do presidente da Casa, deputado Adolfo. Ele passou, ali, rapidinho, porque ele está acompanhando Emmanuel Kamarianakis, embaixador do Canadá no Brasil.

Neste momento, faremos a entrega do Título de Cidadã Baiana à Sr.^a Luiza Helena Trajano Inácio Rodrigues, presidente do conselho do Grupo Magazine Luiza e do Grupo Mulheres do Brasil, concedido pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Vamos entregar, também, uma lembrança da Bahia à nossa querida homenageada.

(Procede-se à entrega da lembrança.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Chamo Joaquim, este homem em desconstrução para entregar, também... (Risos)

O Sr. Joaquim: O machista! (Risos)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): O machista, ele falou, viu, gente? (Risos) Eu estou tão empolgada que eu disse: “Joaquim, você não vai falar essa parte.” Mas ele disse o seguinte: “Eu vou falar o que meu coração está querendo dizer para as pessoas. A cada dia, você, Ludmilla, está me ensinando a ser algo parceiro.”

Lembrem-se do que eu disse para vocês. Quando eu falei em desconstrução, como ele mesmo disse, é porque, a cada dia, eu digo: “Olhe, Joaquim, vamos agir dessa forma, qual seja, você fica e eu irei.” Ele retrucou: “Está bom, Ludmilla. Está certo.” (Risos)

(Procede-se à entrega da lembrança.) (Palmas)

É muita adrenalina, viu, gente?!

Olha a outra aqui! Olhem o machismo em desconstrução! (Risos) Eu ainda vou ter de ficar escutando das minhas colegas. (Risos)

Convido também a Sr.^a Andrea Matos para prestar uma homenagem. São as flores em vida, como nós chamamos, para nossa querida Luiza Trajano.

(Procede-se à entrega das flores.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Agora, tenho a satisfação de passar a palavra à nossa conterrânea, gente, Luiza Helena Trajano Inácio Rodrigues. Palmas! (Palmas)

Gente, é uma responsabilidade estar aqui. (Risos)

A Sr.^a LUIZA HELENA TRAJANO INÁCIO RODRIGUES: Bom dia! Bom dia baiano, gente. Bom dia!

Participantes da sessão: Bom dia!

A Sr.^a LUIZA HELENA TRAJANO INÁCIO RODRIGUES: Eu vou quebrar os protocolos todos.

Eu conversei com cada uma de vocês nos bastidores. Trocamos telefones. Fiquei sabendo de muita coisa. Eu sou uma pessoa que quando estou com alguém, estou inteira. Eu não uso celular. Eu fico inteira. Eu tive o prazer de conversar com cada deputada, com cada representante. Assim, pude ver o tanto que vocês estavam trabalhando com a nossa representante da Bahia, com o nosso grupo.

Então, à Mesa toda, na pessoa da Ludmilla que me deu esta alegria e esta emoção, o meu muito bom-dia e o meu muito obrigada. Então, é um prazer muito grande.

Eu quero cumprimentar, também, todos os presentes. Como diz a Ludmilla, sem público, não tem jeito. Eu digo que, sem cliente, não tem loja. Sem público, não tem nada.

Muito obrigada!

Eu iria citar, até, todas as meninas que saíram de fora, mas a Isabel já as citou. Muito agradecida. Houve mulheres que andaram 8 horas para estar, aqui, hoje. Então, muito obrigada. Aqui está a minha amiga pescadora, que a gente faz um trabalho muito bonito. Aqui, também, tem Amanda, minha colega, há muito tempo. Há uma outra colega maravilhosa, você.

Também, quero dizer, para vocês, que eu comecei a acreditar em cota quando eu trabalhei. Era uma empresa que já tinha 15 anos de funcionamento, e 10 anos, dentre as melhores empresas. Nós, nunca, tínhamos olhado o deficiente. E eu nunca tinha olhado o deficiente quando saiu a cota.

Eu gosto muito de aprender. Inclusive, em relação à cota para deficiente, eu falei: “Puxa, uma empresa que se diz humana, que se diz legal, que está entre as melhores empresas, nunca olhou cota, nunca olhou deficiente?” Daquele dia em diante, Amanda e Adijeane, a gente começou olhar a cota para deficiente e levar isso, seriamente.

Aí, eu comecei a entender que cota é um processo transitório para acertar uma desigualdade. Hoje, na nossa empresa, a gente sabe que o deficiente, ele só acrescenta. Vocês duas são o exemplo. Há o que a Amanda faz e há o que você faz. Isso, num momento de crise, ajuda muito.

Bom, eu sou de Franca. Franca é uma cidade no interior de São Paulo que faz divisa com Minas Gerais. Então, eu brinco que, lá, há 70% mineiros e 30% filhos de mineiro. Vejam, a minha pronúncia e os meus costumes são bem mais mineiros.

Eu sou de uma família onde as mulheres, já muito cedo, na década de 1950, começaram trabalhar. Já era uma empreendedora. Eu falo que eu tenho o privilégio de ter nascido numa família onde a mãe não perguntava o seguinte: “Você vai largar os filhos para trabalhar?” Porque elas já largavam os filhos muito antes do que eu para trabalhar.

Eu sou filha única. A minha tia, fundadora da empresa, chamava-se Luiza. É por causa dela o nome da empresa. Não é por causa de mim. Eu sou Luiza por causa dela. Mas o Magazine Luiza... Era uma vendedora, de uma família muito simples, que trabalhou muitos anos em uma loja bem fina, em Franca. O sonho dela era montar uma loja para poder gerar emprego para a família. Nós temos o emprego como a nossa meta principal.

Eu digo que, depois da saúde, o emprego gera dignidade. Todas disseram isso. O emprego tira de quase 400 anos de escravidão que nós tivemos. A escravidão é marca muito séria em nosso meio. E a gente precisa não esquecer nunca, porque a gente repete de outro jeito.

Ela, a minha tia, começou a trabalhar e ela ficava trabalhando 24 horas seguidas. À época, não se tinha estresse. Ela até desmaiava de estresse, mas ninguém falava que era estresse. E a gente foi juntando.

Eu tinha 12 anos. Ela tinha uma inteligência de empreendedora muito grande, com pouca inteligência emocional, porque ela achava que todo mundo tinha de ser

igual a ela. Não precisava de treinamento, de nada, porque ela fazia tudo certinho: venceu, trabalhava, gostava dos patrões. Por que precisava de treinamento?

E a minha mãe, que, infelizmente, morreu há muitos anos, – eu tinha 30 anos – tinha muita inteligência emocional. Então, apesar de eu ser filha única, apesar de ela não ter tido filho, de eu ser como uma filha dela, ela viveu até há 2 meses atrás. A minha mãe nunca falava assim... Bem, eu dizia: “Mãe, a professora está com problema comigo.” Ao invés de a minha mãe ligar e perguntar à professora por que estava judiando de mim, ela falava assim: “O que você pode fazer para a professora gostar de você?”

Então, desde menina, eu fui criada com solução. Eu venho de uma família onde a solução e o trabalho resolviam tudo. Eu tive esse privilégio. Com 12 anos, eu gostava de dar presentes. A minha mãe falou: “Vai trabalhar nas férias para dar presentes. Aí, você pode ganhar e dar presentes”. Eu escutei muito pouco “não”. Eu escutava que o trabalho...

Então, eu vim dessa família. Muito cedo, eu assumi a companhia. E há uma coisa: eu tenho um contato com o espiritual muito grande. Eu nunca larguei de ser eu. Eu nunca larguei de ser mulher. Eu, até hoje, não uso calça comprida para trabalhar. Não que eu seja contra. Mas eu queria ser feminina. Eu nunca larguei de chorar, de falar que eu não sabia e de enfrentar.

E olha uma menina chegando a São Paulo... Até hoje, há poucos homens na minha área. Vocês imaginam o que era isso. Só que eu não tive dó de mim. Acho que é pela minha criação. Quando, numa reunião, eles não me davam bola, ao invés de eu falar o seguinte: “Meu Deus, esses homens são ruins.” Eu levantava a mão e falava: “É bom vocês me escutarem, porque eu tenho uma ideia boa.” (Risos) Eu sempre me posicionava, como eu me posiciono até hoje.

Então, não perder a minha essência do interior, essa coisa... Os outros falam: “Nossa, você é tão simples.” Espera aí, nós vivemos do consumidor final. Concorde? É ele quem paga tudo. Então, a gente não tem nem o direito de ser metida. Primeiro, isso é muito ruim. (Palmas) Mas você não tem nem o direito de ser metido. (Palmas)

E, sempre, desde jovem, eu já tive a oportunidade de estudar em colégio particular na minha cidade. Quando eu saía para a escola, para o colégio, a minha mãe falava: “Não vai discutir com as irmãs sobre igualdade.” À época, eu era menina ainda de 13 ou 14 anos. “Transparência demais é falta de educação, viu? Você não vai falar!” À época, eu já discutia se tinha bolsa, se não tinha bolsa, se tinha igualdade. Então, eu trago esta missão minha desde menina.

Então, realmente, venci, trabalhei. Até hoje, eu cuido do pequeno. Esses dias, eu estava cuidando de um ar-condicionado numa loja que estava parado há 1 ano, deixando o povo sofrer. Em 24 horas, eu ensino a eles a resolver o problema. Então, eu cuido do pequeno como eu cuido do grande, porque uma coisa me leva e é uma única coisa: faça para o outro aquilo que você gostaria que fizessem a você. Este é o meu mantra, esta é a minha fala em qualquer lugar.

Se as pessoas querem tirar uma foto comigo, puxa, eu não posso achar ruim. Elas deram a vontade de tirar. Se elas querem conversar comigo, tudo bem. Então, eu

aprendi, com isso, a ficar inteira em tudo. Eu, dificilmente, uso o celular em uma coisa em que eu não estou. Agora, nos elevadores do magazine, porque nós temos de preparar o futuro das crianças.

Gente, o nível de suicídio aumentou, porque esse celular, a toda hora, dá um isolamento total. Então, na empresa, eu estou trabalhando para... Nós temos um prédio muito bonito, muito grande. Eu falo no rito toda segunda-feira: “Olha, gente, em elevador não pega celular. Olhem para a pessoa com quem fala para dar bom dia ou boa tarde.” (Palmas)

Eu trabalho muito as crianças que estão lá. E, aí, quando eles me veem, gente, eles botam o celular no bolso. Agora, eles já estão até acostumados. Porque, depois, a gente vai querer que os filhos e os netos, daqui a 4 ou 5 anos, quando tiver muito mal, se a gente não der o exemplo, é do exemplo que vem a liberdade.

Então, a gente foi crescendo. Hoje, a gente tem 1.400 lojas e vários centros de distribuição. Nós somos uma das empresas que, apesar de física, continuamos físico. Compramos a Lojas Maia e crescemos cinco vezes no Nordeste. Na Bahia, nós temos 1.500 funcionários. Nós temos um centro de distribuição muito grande. Apesar de tudo, nós continuamos com a loja física modificada. Digitalizamos o nosso pessoal contra tudo e contra todos, como você falou.

O mais importante é que nós nascemos numa empresa com propósito, com valores. Não estou falando que são os melhores. Eu digo a vocês: crescer e não perder os valores é o maior desafio que a gente tem. (Palmas) Repito, esse é o maior desafio.

Digo isso porque, de repente, você tem 40 mil funcionários diretos. Você tem mais de não sei quantos prestadores de serviços, mais de não sei quantos, Ludmilla, e você tem de lutar para não perder os valores e para continuar. Nós temos cinco inegociáveis já há 20 anos. Se fizer, é mandado embora por justa causa. São só cinco! E um deles é por qualquer tipo de discriminação na companhia, seja por religião, por sexo, por cor. Por qualquer tipo de discriminação, a pessoa é mandada embora por justa causa se ela disser e isso não é de agora porque está na moda, isso era desde quando não estava na moda.

Então, eu jamais poderia deixar de ter um programa de deficiente. Nós temos cheque-mãe para todas as mães que têm filhos até 11 anos – trouxemos para a Bahia no mesmo dia –, para ela pagar uma pessoa para olhar o filho de 11 anos. Isso já há 20 anos. Lá, tudo é amarrado a resultado. O cheque é dado para qualquer mulher. Os homens me pedem muito o cheque-pai. Eu até acho que eles estão melhores, hoje eles são muito bons companheiros, como agora mesmo eu vou falar do prefeito. Mas, eu falo para eles assim: “No dia que você levar a fama da sogra, da vizinha, que o seu filho não for legal e que falar também ‘quem mandou o José, o Júlio, trabalhar?’; no dia em que os homens levarem a fama, eu vou dar cheque-pai.” Vocês são ótimos, mas quem leva o cheque é a mulher, (palmas) a mulher é arrimo de família, se ela fizer isso, leva a fama.

A gente tem programas maravilhosos. Eu estou sempre com a equipe de base. Ontem eu fiquei lá – aqui eu estive há 1 mês –, porque é onde acontece, é na base.

A minha tia faleceu há 2 meses e isso foi um buraco para minha vida, porque ela era uma pessoa que viveu para gerar emprego. Em tudo que ela fazia, ela queria

aumentar mais uma loja, mais um CD. A gente nunca pensou em aumentar para a gente, em particular; a gente leva uma vida muito boa, ninguém está falando o contrário.

Então, eu aguento firme todos esses trabalhos de movimentos, mas ontem eu escutei do presidente do fórum no qual eu estava que quem não faz nada, quem fica quietinho, quem não trabalha, quem não age, quem não fala, não tem críticas. Não sou eu que vou fazer isso, eu falo. Quando luto pela cesta básica, é porque vou no Sertão, é porque eu sei o que é uma pessoa levar 2 horas para poder ter o direito a uma escola. Eu já vou há 10 anos, eu sou esquerda (palmas). Quando eu luto por alguma privatização, eu sou direita. Eu sou pelo Brasil e aí eu deixo falar. (Palmas)

Eu já fui convidada para ser senadora, presidente, deputada – menos pelo governo Lula –, mas saiu em todos os jornais que eu ia ser vice dele e eu fiquei com esse título. O pessoal do Mulheres do Brasil e do Magazine sofrem porque chegam e falam: “A sua chefe é de esquerda, a sua chefe é não sei o quê.” O que importa é que eu nunca falei nem para moça que trabalha comigo em quem ela deveria votar ou em quem que eu ia votar. A democracia para mim é minha base, as pessoas têm o direito de ser o que são, (palmas) elas têm o direito de ser o que elas são, mas também eu resolvi não desmentir! Eu resolvi não desanimar, porque, enquanto eu tenho 10 pessoas que vão para as redes sociais e metem o pau no Magazine – que é pior para mim –, que gera cem mil empregos, eu também tenho muita gente – como vocês – que me abraça, que me acolhe, que compra no Magazine por causa disso, como você falou. (Palmas)

Então, não se agrada a todo mundo e é dentro disso que eu quero dizer que eu fico muito honrada com o Título de Cidadã Baiana, porque vocês não sabem: meu avô era baiano, de Caetité. Então, a minha tia tinha orgulho de falar que era baiana, porque o pai dela era baiano, o pai da minha mãe era baiano e a Bahia é um centro, é um fomento de inovação e de criatividade. Eu adoro pensar fora da caixa, criar coisas em que ninguém pensa, eu acho que eu tenho esse sangue baiano.

Então, Ludmilla e todos vocês, quero agora me dirigir ao Grupo Mulheres do Brasil. Realmente, quanto mais eu convivo com os políticos e com as mulheres políticas, mais eu admiro vocês. Recentemente, eu estive em Brasília numa homenagem dos 10 anos e é impressionante... Mas, gente, as mulheres políticas, independentemente de partido, se unem pela causa; onde eu tenho andado, é assim: é pela causa.

Como o prefeito Joaquim falou, o costume era outro, a forma de educar é outra. A gente tem de entender que eles foram criados num sistema de gestão político, totalmente mecânico, quando não se podia falar que eles não sabiam ou que eles estavam errados. É diferente.

Eu quero me dirigir às Mulheres do Brasil e dizer aos homens: nós não somos contra os homens; pelo contrário, nós somos totalmente a favor (palmas), até porque é a união dos dois, é o respeito que eu tinha... Eu criei três filhos adolescentes trabalhando fora. Se eu não tivesse um marido do tipo do Joaquim, que me respeitasse, que soubesse do meu trabalho e estivesse comigo, eu não teria dado conta de fazê-los homens e mulheres melhores.

Eu digo para as mulheres, até àquelas que os maridos não prestam: “Reza para eles não morrerem, porque vocês têm eles até para desabafar, (risos) porque depois que morrem, nem para desabafar você tem alguém.” É o único que responde por 50%, mesmo que ele não queira; até para xingar não presta, não vem, porque quando morre, você aguenta sozinha, porque é só você, você não pode estar levando para todo mundo.

Então, quero dizer ao Joaquim que homens inteligentes, como você e os que estão na plateia, estão se reconstruindo. É uma reconstrução difícil, porque vocês foram criados de uma forma totalmente diferente. Nós temos de entender isso. Vocês não podem chorar, vocês não podem fazer isso, vocês têm de mandar, e, de repente, estão se reconstruindo, porque chegou a nossa vez, a vez das mulheres. Nós temos de entender que agora não temos de lutar pela nossa vez, nós temos de lutar para pular para 50: 50% na política, 50% de mulheres no Judiciário, 50% de mulheres nas empresas, 50%... (Palmas)

E nada! Pelo contrário! Onde tem homens e mulheres, como onde eu participo, e onde há o respeito pelo masculino e pelo feminino... Eu respeito profundamente o masculino! Onde se tem o respeito, a gente consegue se sair muito melhor. A mulher decide até o carro que vai comprar ou o computador, então, ela tem de sentar nas mesas de discussão.

Mulheres do Brasil, as minhas colegas que vieram de São Paulo, por favor, se levantem aquelas que vieram comigo no avião. Muito obrigada. (Palmas) A todas as outras mulheres do Brasil, nós somos um grupo político, porque nós somos políticas. Acreditamos que são as políticas públicas que mudam um país. Concordam que ter 130 mil mulheres no mundo inteiro, em todo lugar, como nós temos, é ter força política? Ou não concordam? E trabalhando, sem reclamar, fazendo acontecer, todas as portas, e ajudando.

Eu fico vendo esses homens de uma comunidade que vieram me ver, a gente está junto com vocês, há mulheres junto também. Muito obrigada. O Grupo Mulheres do Brasil é isso.

Eu não aguento mais diagnóstico. Faz 30 anos que eu escuto que a educação é a base de tudo. Ou vocês não escutam isso? Quando eu escuto isso em reuniões da ONU, eu levanto a mão e falo: “Nossa, isso eu já sei. Vamos partir para ação?” Aonde eu vou, tenho coragem de falar que eu não aguento mais diagnóstico. O Brasil, como todas falaram aqui, é um país maravilhoso, gente. Nós somos *startup*, nós nascemos para estar no momento agora. É preciso parar de dizer: “Nem parece que é no Brasil.” Eu quase mato uma pessoa que fala isso para mim. Eu viajo muito e o Brasil tem coisas maravilhosas. É preciso, realmente, colocar um planejamento estratégico de uns mais 15 anos ou 20 anos, no qual a educação tem de ser para todos, a saúde tem de ser para todos, a moradia tem de ser para todos e a segurança tem de ser para todos. Nós temos de ter um planejamento dessas quatro coisas.

Eu não sou candidata a nada, eu não me filiei a partido, mas eu sou uma política que estou em Brasília, estou com o Grupo Mulheres do Brasil, estou em todo lugar e, por isso, fui me fortalecendo. (Palmas) Não vou ser candidata a nada, mas sou muito a favor disso.

Então, a todos vocês, minha gratidão. Estou muito emocionada. Esses 2 dias que eu vivi em Sergipe e aqui só aumentam a minha responsabilidade, mas eu não tenho medo de responsabilidade, eu não tenho medo de gritar e de falar o que eu sinto, mesmo que façam boicote na coisa de que eu mais gosto, que é do cliente do Magazine Luiza. Até isso eu enfrentei, na época do *trainee* para negros, que foi o maior sofrimento que nós podemos ter vivido, porque foram 72 horas de uma agressividade total.

Então, a gente vai continuar lutando juntos – homens e mulheres – para que a gente possa fazer o Brasil. Não o de amanhã, mas o Brasil de hoje. Vou terminar com uma frase que está na minha mesa e eu sigo muito: “Primeiro, faça o necessário; depois, o possível e, de repente, você fará o impossível.” Imagine uma menina de Franca, do interior, falando “porta”, “portão”, “sem perder”?! Eu não tenho Havard, nem FGV, tenho faculdade da minha cidade, fui eleita entre as cem líderes do mundo e estou aqui recebendo o título da Bahia. Então, se eu cheguei, é possível. Basta fazer e não ter muito compromisso com acerto. Errou? Pede desculpa e vai fazer o certo, senão a gente nunca faz, fica só no papel planejando, planejando e planejando.

Muito obrigada. Gratidão. (Palmas)

Um beijo ao pessoal do Magazine Luiza também. Por favor, levantem pessoal do Magazine Luiza. Comprem no Magazine Luiza, nos ajudem. Obrigada. (Palmas)
(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludmilla Fiscina): Quero agradecer também a presença da nossa querida deputada Fátima Nunes, do nosso querido deputado Robinson Almeida e da nossa deputada federal Lídice da Mata. (Palmas)

Convido todos a acompanharem a execução do Hino da Bahia com a banda Yayá Muxima.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

A Sr.^a Viviam Caroline: Essa é a Yayá Muxima! Muito obrigada.

Eu falei faraó!

Participantes da sessão: Ê, faraó!

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Ludimilla Fiscina): Obrigada às meninas da banda Yayá Muxima. Muito obrigada!

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, eu quero agradecer, primeiramente, a Deus por este momento, por esta oportunidade, por ele nos dar sabedoria para que a gente possa conduzir cada dia.

Quero agradecer aos meus colaboradores do gabinete, ao Cerimonial da Casa, a todos que estão presentes, às autoridades civis e militares, aos nossos familiares, a Joaquim, aos amigos, à imprensa. Eu estou muito feliz. Muito obrigada a cada um de vocês!

Vamos levar como a nossa querida Luiza Trajano: um time de sucesso, gente, não tenha apenas uma estrela. Vamos focar, vamos fazer o bem, vamos – outra palavrinha mágica que ela disse – partir para a ação, vamos focar na ação e nós vamos conseguir. Então, muito obrigada.

Eu declaro encerrada esta sessão.
Que Deus abençoe vocês!

*Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.
Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço
<http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.*